

A Ficção da Região Cacaueira baiana: questão identitária*

*Maria de Lourdes Netto Simões***

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança
Tomo mundo é composto de mudanças,
Tomando sempre novas qualidades
Camões*

A questão de identidade posta em relação à ficção da Região Cacaueira baiana provoca questionamentos a partir dos quais desenvolverei o meu raciocínio: Existe uma Literatura da Região Cacaueira baiana? Presentemente, é ainda possível se pensar em Literatura do Cacau ou Literatura da Região do Cacau? Neste momento contemporâneo, quais as tendências dessa ficção regional?

Partindo desses questionamentos, muito mais do que afirmações sobre a Literatura da Região Cacaueira, vou preferir fazer reflexões. Vale observar que o entendimento da literatura a ser aqui desenvolvido é o de expressão artística comunicadora, inclusive influenciada e influenciadora da História. A literatura constitui-se em foco do universo cultural e vivencial que configura uma visão de mundo do ficcionista e, posteriormente, do leitor; comportamentos éticos, filosóficos e políticos, traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o mundo. Nessa ótica, a interação entre a ficção e o contexto sócio-cultural é fundamental. É com base nesse entendimento que desenvolverei as minhas considerações em duas direções: a primeira, relacionando o contexto e a produção ficcional; a segunda, observando aspectos que ressaltam a ficção no contexto atual.

1. Até bem pouco tempo, quando eu escrevia sobre a Literatura desta Região referia-me a ela como sendo a Literatura da Região do Cacau ou a Literatura do Cacau. Hoje, não tão à vontade, pergunto-me se posso utilizar tais expressões diante do perfil sócio-cultural que vem assumindo esta região e dos caminhos temáticos que tal literatura tomou.

No primeiro caso (Literatura da Região do Cacau), a inquietação procede de toda a reviravolta pela qual vem passando esta região sul do Estado da Bahia, antes calcada na monocultura do cacau, agora buscando novas alternativas econômicas o que, conseqüentemente, tem provocado uma crise de identidade. Por que afirmo isto?

Se nos reportarmos aos anos trinta, vamo-nos deparar com uma região rica, opulenta e poderosa, terra de coronéis, jagunços e trabalhadores rurais, matrizes do perfil da região. Tempos de conquista de terras. Tempos em que os ‘frutos de ouro’ eram o centro

gerador de toda a dinâmica sócio cultural da região, termômetro das alegrias e tristezas da sua gente. A busca do ter, do poder, a ambição, o abuso da força do fazendeiro compunham aquele cenário, contrapondo-se à submissão, à ignorância dos trabalhadores rurais. Aqueles coronéis, jagunços, ruralistas, com seus costumes, tradições, credences e superstições formavam o painel humano da terra, e construíam a sua identidade.

Esse tempo foi, então, cantado e contado por Jorge Amado, Adonias Filho e muitos outros, que asseguraram o lugar da literatura dessa região no panorama da Literatura Brasileira, desde o ciclo do cacau. Aí, as questões da terra, sua conquista, foram ficcionalizados e o cacau era o *referente* do imaginário regional. E, como gerador de dramas, foi tematizado.

Num primeiro momento, a preocupação foi a de contar a história, no sentido do que contar (haja vista a internacionalmente conhecida produção do contador de histórias, que é o nosso Jorge Amado). A seguir, a atenção do ficcionista voltou-se para o como contar, já aí numa preocupação com o discurso, como bem pode exemplificar a obra de Adonias Filho. Em relação àquelas obras, cabia dizer “Literatura do Cacau”, pois a temática prevaiente girava mesmo em torno do cacau. E daquela temática são tantos a serem também lembrados: Jorge Medauar, Clodomir Xavier, Hélio Póvora, Cyro de Mattos, Euclides Neto, dentre tantos outros.

Depois, foi o tempo áureo de pujança e riqueza social, quando a comercialização e exportação do cacau fazia retornarem para a região, através da CEPLAC, as taxas retidas pelo Governo Federal. Período áureo da Região do Cacau, anos 70, de febre da riqueza, de valores centrados no ter. Por outro lado, em questionamento dessa cultura, no contraponto entre o ter e o ser, o painel de ficcionistas foi enriquecido com outros nomes, já agora com outras indagações tomadas do mesmo referente, o cacau. Então, cabia pensar em Literatura da Região do Cacau, porque esta era uma região monocultora, de identidade sócio econômica e cultural de referência nacional e internacional.

Todo esse tempo foi intervalado entre os anos 30 e 80. Tempos de conquista da terra, cultivo, colheita. Comercialização e exportação. Riqueza, muita riqueza! E distorções sociais também. Por isso mesmo, tempo em que a região foi chamada de “pobre região rica”. A cultura do ter forjou comportamentos, valores invertidos. Cobiça, desmandos, elementos caracterizadores dos comportamentos de uma época, que foram ficcionalizados.

Dos desmandos provocados pela abundância dessa região, com o suceder das gerações, resultou no dito sintetizado pelo povo: *Avô rico, pai nobre, filho pobre*. O final da década de oitenta dá mostras dessa verdade.

As taxas do cacau passam a ser centralizadas no orçamento federal, sem retorno direto para a região. A podridão parda invade as fazendas. Os questionamentos sobre o ter, o deslocamento de poder - do ter para o ser - redimensionam o imaginário.

Os tempos mudaram. A região empobrece. Nesses anos 90, além da praga da podridão parda, a vassoura de bruxa assola as roças dos frutos de ouro. A região busca formas alternativas de sobreviver. Busca a diversificação da cultura e, dentre outras alternativas, investe na fruticultura. Busca respostas latentes e próprias da sua situação histórica e geográfica privilegiada no mapa do país. É das grandes crises que surgem as grandes soluções, a sabedoria popular também ensina isto. A região passa a enxergar o que antes o brilho do cacau não deixava ver: a sua singularidade - estar situada no coração da Mata Atlântica, na biosfera do descobrimento do Brasil e num dos litorais mais belos do país. Começa a enxergar as suas diferenças também. Consoante com o ritmo mundial, busca voltar-se para o mundo da globalização, dos mídias, da comunicação, onde a concepção de tempo é acrescida de uma perspectiva tecnológica. Onde o poder maior é o conhecimento. Tempo de revisão de valores, de mudança paradigmática, de deslocamentos de olhar: tempos pós-modernos.

Agora, outras problemáticas ocupam o interesse ficcional. A geração daqueles que vivenciaram os tempos do cacau vai tendo o olhar esfumaçado, embora as matrizes temáticas persistam. E outra geração surge, com o olhar voltado para outros focos.

Ainda se faz cedo para uma resposta a questionamentos que surgem: Haverá pertinência em se continuar a nomear Literatura da Região do Cacau? As matrizes do imaginário do cacau persistem na produção? Como é povoado o imaginário das novas gerações que não vivenciaram a conquista das terras, os desmandos da riqueza gerada pelos frutos de ouro? Permanecerão indelévels as matrizes culturais? Fica a reflexão.

2. Nesse contexto regional, às portas do próximo milênio, quais as tendências da ficção produzida pelos escritores dessa Região?

Já na década de oitenta, numa ambiência nacional de abertura política e destituição dos censores, a história passa a ser reavaliada. Jorge Amado, com *Tocaia Grande*, relê a saga do cacau, não mais da perspectiva do poder do coronel, mas, estão, da perspectiva do menos favorecido, ou seja, do trabalhador rural, da prostituta, do negro, do árabe comerciante. Abre o livro com o destaque anunciativo da sua intenção:

Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios da História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso. (J. Amado. Tocaia Grande.1984, 15)

Fazendo literatura de *fundação*, recoloca a Literatura da Região, no seio da Literatura Brasileira. Ultrapassando o regionalismo do ciclo do cacau, faz a mitificação literário-ideológica do popular, com contornos épicos e da perspectiva dos vencidos, buscando recolocar a nação grapiúna e discutir a sua identidade.

Ao contexto regional, em tempos de globalização, somam-se outras tendências, onde as propostas de Italo Calvino para a linguagem do próximo milênio não são olvidadas: *leveza, rapidez, multiplicidade, visibilidade, exatidão e consistência*. O olhar ficcional desloca-se para a re-visão da história; em mudança de perspectiva, volta-se para as minorias sociais (raça: negro e índio, sexo: mulheres e gays), para a descentralização do poder e da fala do saber (as culturas ex-cêntricas: a negra, a indígena), para a subjetividade do narrador. A prosa de caráter regionalista alcança o universal. Os gêneros tomam novos ares, agora perpassados pela intertextualidade e ironia tomados como elementos estruturais.

Assim, a transgressão das formas tradicionais de gênero, tendência desses tempos, tem guarida também na Literatura desta Região, onde novas propostas discursivas tomam a intertextualidade e a ironia para os esquemas de ação. Nesse sentido, o texto de Hélio Pólvora, *Xerazade* é um exemplo. Intertextualizando a submissa Sherazade das *Mil e uma Noites*, ironicamente, Hélio Pólvora apresenta-nos uma Xerazade, feminina e dominadora das paixões masculinas:

Escutei a minha amiga durante muitas noites, podem ter sido trezentas e nove mil, talvez mil e uma. Mas naquela noite especial, já quando o dia clareava, insinuando-se pelas frinchas da janela e criando débil palor atrás da cortina, ela emudeceu. Ultimamente dera-lhe para acontecer isso: sem deixar uma história no ar, no ponto mais interessante, ela se calava, virava de costas e dormia. E eu, o venturoso vizir, me sentia só, perdido, afundado em cismas e aflições. (H. Pólvora. *Xerazade*. 1989, 94)

Com esse livro, redimensionando o gênero, H. P. faz texto de proposta pós-moderna, repondo a história através da paródia (enquanto gênero - Linda Hutcheon, 1987).

Ainda na direção de novas estratégias de gênero, vale mencionar, o conto Leninha, que integra *Berro de Fogo e outras Histórias*, de Cyro de Mattos, onde os materiais são enriquecidos com entrevista sobre tema da minoria - prostituição:

Peruca brilhante na telinha da televisão. Rosto de atriz de novela, maquiagem bacana, seios salientes de propósito, quase saindo do decote. Documento Especial, o programa anunciado para a televisão para todo o Brasil. (C. Mattos. *Berro de Fogo e outras Histórias*. 1997, 143)

Esses textos mais recentes (mesmo os da geração menos jovem) ganham a *leveza* e a *rapidez* exigidas por esse tempo vizinho do terceiro milênio. Agora, ao lado dos consagrados Jorge Amado, Adonias Filho, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Euclides Netto, surgem outros. Geração nova, somando novos questionamentos. Essa geração, que vivencia este momento regional e mundial, secundariza a temática do cacau em função de temáticas ligadas às minorias, principalmente voltadas às questões de sexo, raça, classe e ideologia. Discute identidade cultural, historicidade. Vivacidade de gênero, maleabilidade na forma, são algumas das propostas dos anos noventa que revelam: Antônio Júnior, George Pellegrini, Genny Xavier, Jane Kátia Badaró, José Delmo, Jorge Araújo, Kleber Torres, Ricardo Cruz, Ruy Póvoas e outros (sem falar dos poetas).

Desses últimos, tomo Ruy Póvoas para exemplificar a literatura das minorias dentro da temática do negro (raça). Cito *Itan dos Mais Velhos*, publicado em 1996, texto povoado de imagens provenientes dos mitos africanos, de lições ouvidas dos mais velhos da cultura nagô, impregnadas nas experiências cotidianas do autor. São quatro *odus*, ou seja, são quatro partes que compõem o livro, “cada *odu*, uma história. Em cada história, um princípio de sabedoria” (R. Póvoas. *Itan dos Mais Velhos*. 1996, 119). Cada *odu* é formado por três *itan*. São quatro velhos que contam suas histórias. Cada um é responsável por um *odu* e, conseqüentemente, narrador das suas histórias, os *itan*. Assim é a estrutura do livro. Histórias, retidas na memória, são repetidas e repetidas. É assim a tradição nagô.

Quanto à perspectiva da mulher, menciono Sônia Coutinho que, em *Atire em Sofia*, regressa à Bahia e re-coloca o espaço da mulher no que tange aos seus anseios e desejos, “*gerações inteiras de mulheres que foram espezinhas nesta cidade e nunca puderam protestar*” (S. Coutinho. *Atire em Sofia*. 1989, 44)

Lembro ainda que, nesses tempos sem fronteiras de qualquer espécie, tempos de multiculturalismo e transnacionalismo, as questões não são mais setorizadas, localizadas. Têm outra dimensão, abrangente. Em tempos de globalização, mais que nunca, cabe buscar a identidade. Fala-se de cultura, de memória cultural. Importa a comunicabilidade dos textos que têm as suas fronteiras de gênero tênues e redimensionadas. Nessa direção, ultrapassando o ficcional no seu sentido *lato*, buscando o identitário e a memória cultural, dois textos recentes devem ser mencionados: *O Auto do Descobrimento*, de Jorge Araújo e o *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores*, de Euclides Neto.

O primeiro, ao tempo em que canta a chegada da esquadra de Cabral às terras do Brasil, poeticamente clama ao povo brasileiro a reflexão sobre a sua brasilidade. Forjado em *fala e romances*, o *Romanceiro das Vagas Descobertas* (como se sub-intitula) busca rediscutir a perspectiva histórica ao re-ler o descobrimento do Brasil. O Cego (fala que inicia e finaliza o auto) prepara o leitor/espectador:

*cuidaremos da louca aventura humana/ da audaciosa gente lusitana/ em
direção do Brasil/ onde o que mais se descobre/ há muito já se encobriu.*
(J. Araújo. *O Auto do Descobrimento*. 1997, 17)

As redes intertextuais que tecem o *Auto* coletivizam a obra com as presenças de Camões, Caminha, Pessoa, Gil Vicente. Tais presenças homenageiam Portugal mas, também, denunciam-no, através da construção poética consubstanciada na ironia. Dessa forma se, por um lado, há o desenrolar do acontecer histórico do descobrimento, por outro, há a reflexão crítica sobre o fato.

O segundo texto, o original *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores* (1997), trabalho de Euclides Neto, é indicativo da identidade e memória cultural das terras do cacau. O livro ultrapassa o possível sentido minimizante do termo (*Dicionareco*) e, pela evocação da forma (até em consonância com uma tendência também desses tempos - e rapidamente lembro-me do *Dicionário das Paixões*, do português João de Melo), constitui-se em expressão do imaginário de uma região. É precioso resgate e memória de

uma cultura em transformação. Cadencia os novos tempos pela proposta do gênero, pelo tratamento temático e por sua concepção estrutural que ultrapassa os limites de um dicionário, ao significativamente oferecer, na contra capa, o belíssimo texto “Suspiros de uma Enxada” que, pelo caminho do *era uma vez*, instiga o leitor a uma outra leitura do livro, já agora buscando os caminhos do ficcional: “*sou a lâmina que rasga o músculo da terra e cria a vida*”(N. Euclides. *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores*, 1977)

Como visto, a ficção mais recente desta Região tem consonância com as tendências da produção deste final de milênio, quando traz a historicidade para seu foco temático e quando busca a leveza e a rapidez destes tempos que exigem a comunicabilidade. A questão identitária aqui posta exige, por razões do imaginário, a reflexão não só em relação à ficção da Região Cacaueira baiana, mas sobre a própria Região que a contextualiza.

* Texto revisto e ampliado. Anteriormente publicado na Revista do Centro de Estudos Portugueses da UESC, nº 1, 1997/98, p. 119-128.

** Maria de Lourdes Netto Simões é doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Professora Titular no Departamento de Letras da UESC e ensaísta. Publicou recentemente *As Razões do Imaginário*.

mlsimoes@jacaranda.uescba.com.br